

ARTIGO

Científico

NOVOS DESDOBRAMENTOS DE CONFLITOS NO ORIENTE MÉDIO:

Reflexões e potenciais impactos para o mercado global

AUTORES: Luiza Guitarrari, Fernanda Senna e Marcio Lago Couto

Leia na íntegra no site da **FGV Energia**

Este artigo expressa as opiniões dos autores, não representando necessariamente a opinião institucional da **FGV**.

ARTIGO

NOVOS DESDOBRAMENTOS DE CONFLITOS NO ORIENTE MÉDIO:

Reflexões e potenciais impactos para o mercado global

Autores: *Fernanda Senna, Luiza Guitarrari e Marcio Lago Couto*

Este artigo expressa as opiniões dos autores, não apresentando necessariamente a opinião institucional da FGV.

Introdução

Desde 28 de fevereiro de 2026, o Oriente Médio experimenta uma das maiores mobilizações militares por parte de atores regionais e extra regionais, desde a campanha dos Estados Unidos no Iraque (2003-2011). A ofensiva, uma coalização entre Israel e Estados Unidos, contra o Irã, segundo declarações oficiais de Washington, teve por objetivo eliminar a iminente ameaça nuclear e política que o regime do aiatolá Ali Khamenei representava para a atual concertação das relações internacionais. O novo – e mais recente - acirramento bélico na região é resultado do transbordamento de tensões oriundas de guerras de procuração entre potências rivais no Iêmen – Arábia Saudita e Irã – e do acirramento de tensões entre Israel e o Hezbollah no Líbano, que culminaram em embates militares e diplomáticos travados entre Israel e Irã, a partir de abril 2024, com o ataque da Embaixada do Irã na Síria, sucedido por uma prolongada ofensiva no 1º semestre de 2025 que culminou em intensos ataques aéreos e cibernéticos entre os países, com a morte de líderes ligados ao Hamas e Hezbollah e destruição de instalações estratégicas.

A intervenção culminou na morte de altas lideranças política e religiosa do Irã, incluindo o próprio Khamenei, além de provocar centenas de baixas de civis na região. As horas

seguintes foram marcadas por intensa atividade militar de ambos os lados, com retaliações do Irã às bases militares dos Estados Unidos que estão creditadas em países vizinhos no Golfo Pérsico, além de ataques às instalações de petróleo & gás. Esses eventos já começaram a se refletir no mercado global de hidrocarbonetos, com a possível continuidade da tendência de alta dos preços em face da perspectiva de prolongamento das hostilidades.

1. Panorama do conflito entre Estados Unidos e Irã

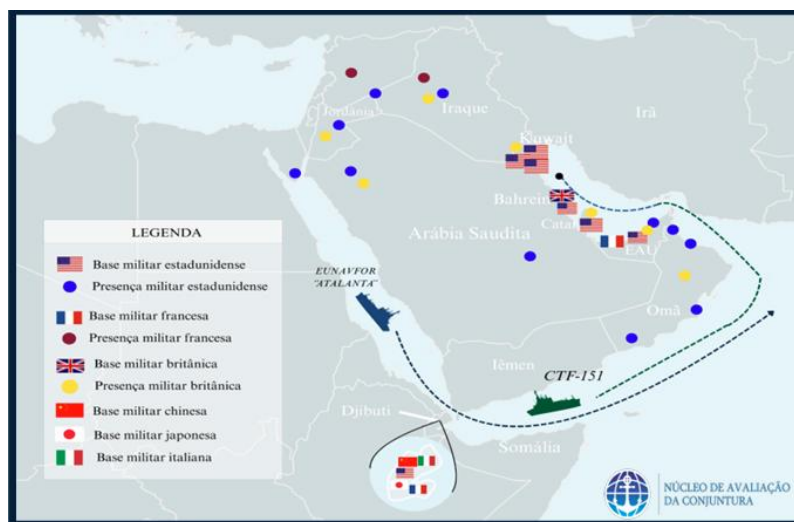
No início de março de 2026, as tensões entre Estados Unidos e o Irã atingiram seu mais elevado nível de acirramento a partir do anúncio pela Casa Branca em 1º de março de 2026ⁱ, do início da Operação de intervenção militar ao Irã. Intitulada “*Operation Epic Fury*”, a campanha militar teve por objetivo, segundo declaração oficial de Washington, a “eliminação da iminente ameaça nuclear” perpetrada pelo regime iraniano, além da “destruição do seu arsenal de mísseis balísticos, degradar conexões com guerras por procuração e enfraquecimento das forças navais iranianas”ⁱⁱ.

A Operação militar foi executada em parceria com aliados regionais, com destaque ao apoio fornecido pelas Forças Armadas de Israel, este que nos últimos dois anos intensificou o conflito direto com o Irã (Ver [Artigo de Opinião Irã e Israel](#)) que culminou nos “primeiros embates diretos” entre os dois países. À época, o elevado nível de beligerância perpetrado ao longo de 12 dias na região teve por prerrogativa israelense de impedir o avanço do programa nuclear iraniano.

Por outro lado, as Forças Armadas dos Estados Unidos afirmaram terem atingido mais de 1.250 alvos iranianos entre os dias 01 e 02 de março de 2026, além da destruição de cerca de 11 navios iranianos, segundo comunicado Comando Central dos EUA (CENTCOM, na sigla em inglês)ⁱⁱⁱ. No decorrer desses dias, as operações envolveram ataques coordenados junto à Israel, com emprego de mísseis de cruzeiro lançados do mar e ataques aéreos contra instalações nucleares, além de representantes da alta liderança política e militar do Irã. O objetivo, segundo o CENTCOM, é neutralizar ou degradar a capacidade ofensiva iraniana o mais rápido possível.

Em paralelo, a retaliação iraniana sem precedentes teve por alvo instalações em Israel e as bases militares norte-americanas no Oriente Médio^{iv}, que mantiveram acionados seus alarmes para a interceptação de ataques aéreos com mísseis e drones, dos quais foram afetadas cerca de 27 bases em ao menos nove países: Arábia Saudita, Bahrain, Catar, Chipre, Emirados Árabes Unidos, Iraque, Jordânia, Kuwait e Omã.

Figura 1: Localização de bases militares no Oriente Médio



Fonte: Núcleo de Avaliação da Conjuntura. Edição Especial: Golfo Pérsico 2025.

O Bahrain, sede da 5ª Esquadra dos Estados Unidos¹, foi um dos principais focos dos ataques^v. O Quartel-General do Comando Central das Forças Navais dos Estados Unidos foi uma das áreas afetadas pelos projéteis iranianos, que atingiram o aeroporto internacional da região, prédios residenciais, um hotel e uma ilha^{vi}. Além dessas instalações, a coalização naval multinacional *Combined Task Force 151* (CTF-151), que esteve sob comando da Marinha Brasileira até final de fevereiro de 2026^{vii}, também foi um dos alvos.^{viii} No Catar, dois mísseis e um drone atingiram a base aérea de Al Udeid, um dos pontos estratégicos do Comando Central dos EUA, a 25 milhas da capital do país (Doha). Por sua vez, no Emirados Árabes Unidos, os ataques aéreos atingiram instalações da Força Aérea e do Exército dos EUA, na base aérea de Al Dhafra, além de danos causados à base naval de Abu Dhabi. Por fim, no Kuwait, dentre as instalações atingidas inclui-se o Campo de Arifjan e a Base Aérea de Ali Salem, a 40 km da fronteira com o Iraque.

¹ Inclui como áreas de responsabilidade o Golfo Pérsico, Mar Árabe, Mar Vermelho e Oceano Índico.

Os ataques iranianos na região foram condenados pela Arábia Saudita, Bahrein, Catar, Estados Unidos, Emirados Árabes Unidos, Kuwait e Jordânia, em uma declaração conjunta lançada no dia 01 de março. Na declaração, os países reafirmam seu direito à autodefesa, o que sinaliza uma “demonstração de força e unidade” desses Estados frente às ameaças atuais.

Dias mais tarde, em 03 de março, o presidente Donald Trump realizou novas declarações oficiais acerca da *Operation Epic Fury*, afirmando que as operações de combate continuarão até que todos os objetivos dos EUA sejam alcançados.

2. Contexto energético do Golfo Pérsico

O Golfo Pérsico é uma das regiões geográficas que concentra os maiores exportadores globais de petróleo, dos quais ao menos cinco são Estados-Membros da OPEP – Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Irã, Iraque e Kuwait, com grandes reservas de hidrocarbonetos, próximos rotas comerciais – Estreito de Ormuz e Estreito de Bab-al-Mandeb; Oceano Índico; Mar Árábico; Mar Vermelho - que escoam parcela significativa dos produtos comercializados em escala global^{ix}.

Figura 1: Mapa da região do Oriente Médio

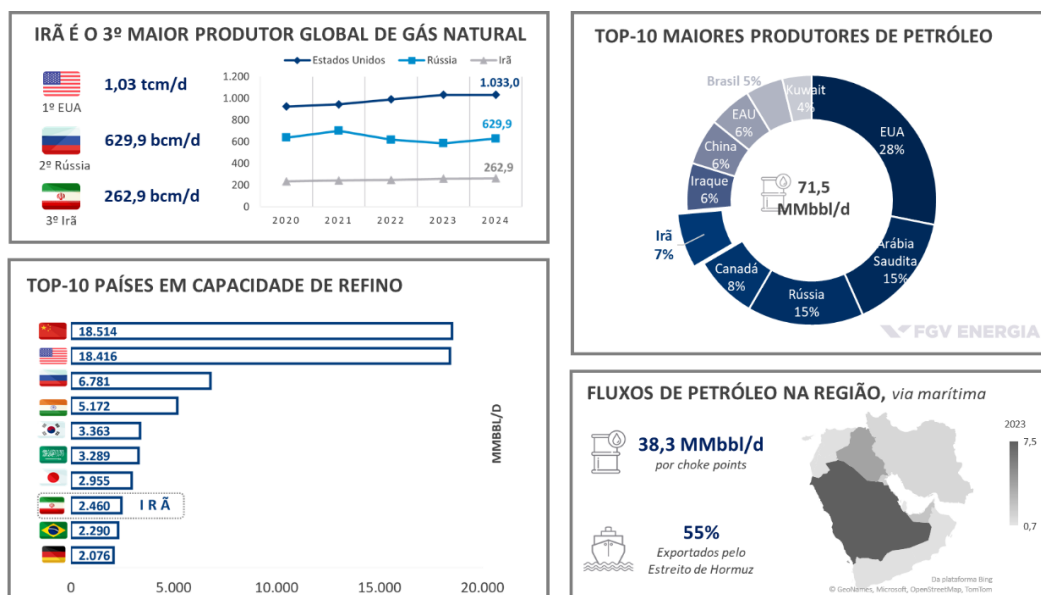


Fonte: Elaboração própria com dados da *World Oil Transit Chokepoints (EIA)*, 2025.

Segundo dados da *U.S. Energy Information* até julho de 2025, dos 77,5 MMbbl/d de petróleo escoado pela via marítima^x, cerca de 27% atravessam o Estreito de Ormuz,

sendo, portanto, vital para a segurança energética mundial, de modo que uma eventual restrição na navegação pode representar riscos diretos aos fundamentos do mercado global de petróleo e gás^{xi}. A rota marítima, é a principal via de ao menos cinco dos dez maiores produtores de petróleo, que no caso do Catar, Iraque e Kuwait, constitui uma das únicas alternativas para o escoamento de produtos, dentre eles o GNL, cuja região é responsável por 1/5 da oferta global^{xii}. Desse modo, uma potencial capacidade ociosa da Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos poderia compensar a redução da oferta de petróleo iraniano, mas suas rotas comerciais alternativas só conseguiriam redirecionar 1/3 do fluxo de petróleo que atravessa o Estreito de Hormuz.

Figura 2: Infográfico da oferta de O&G do Oriente Médio em 2024



Fonte: Elaboração própria com dados do Statistical Review of World Energy 2025.

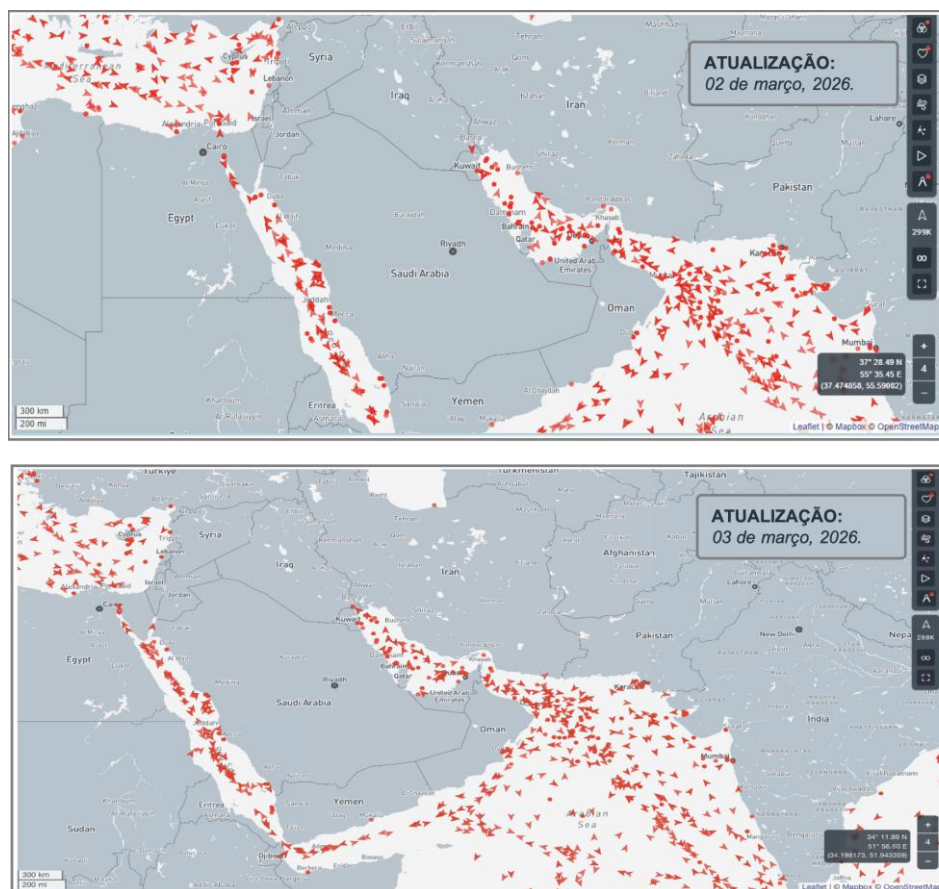
2.1. Impactos ao mercado global de petróleo e gás

Os impactos ao mercado de petróleo e gás ainda permanecem incertos, dependendo da progressão da Operação “Epic Fury” e da expectativa de abrandamento das tensões a partir das negociações entre os países. A campanha militar dos Estados Unidos, seguido da retaliação iraniana, pressionaram os preços de petróleo e gás em razão de um potencial bloqueio no Estreito de Hormuz e da navegação de navios, além de um possível transbordamento de restrições às atividades de petróleo e gás para países produtores do Golfo Pérsico.

Apesar dos riscos, até o final do dia 03 de março, o monitoramento por GPS realizado

pelo *Marine Traffic* apontou a presença de navios tanques que ainda trafegam na região, não discriminando seu tipo de produto transportado, que podem incluir: petróleo bruto; derivados; GLP; GNL; etc. Na costa iraniana, no entanto, os navios tanques identificados pela plataforma foram, em sua maioria, de bandeira iraniana, demonstrando uma redução no uso das instalações portuárias iranianas em meio à diretrizes de empresas de navegação e seguradoras para evitar o tráfego próximo as zonas em conflito, sobretudo na suspensão de embarques de energia pela hidrovía.

*Figura 3: Localização de Navios Tanques no Oriente Médio, em 02 e 03 de março, 2026**



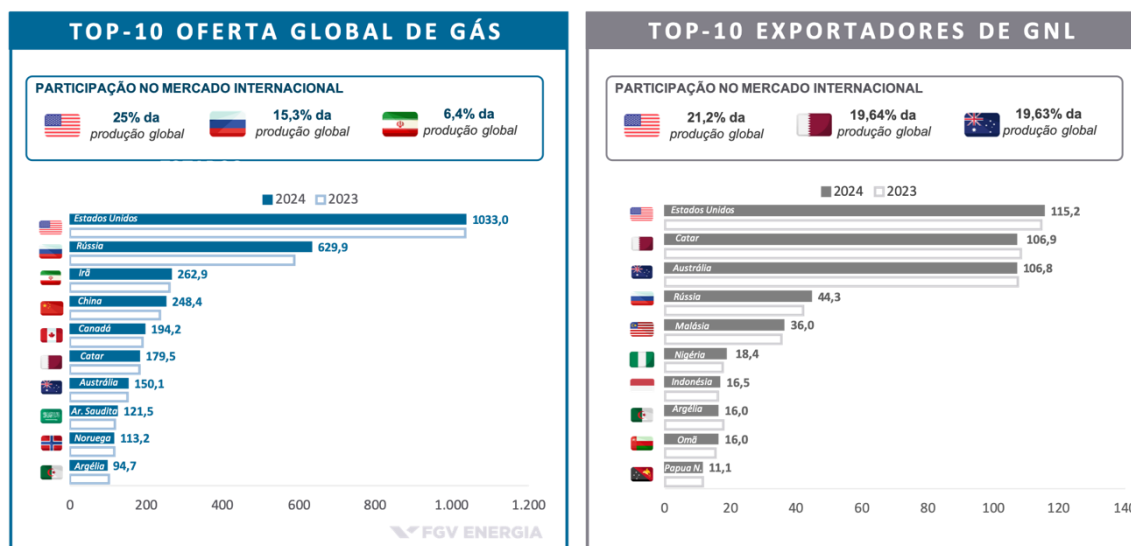
Fonte: Marine Traffic, atualizado em 02/03/26, com filtro de navios tanques, que incluem diferentes produtos, como petróleo bruto; derivados; GLP; GNL; Betume; FPSOs; outros.

Aliado a isso, foi verificado o aumento da taxa de frete do petróleo pelo anúncio do cancelamento da cobertura de seguradoras contra riscos de guerra, a partir de 05 de março, para embarcações que trafegarem no Golfo Pérsico^{xiii}. Dentre as seguradoras que anunciaram o cancelamento da cobertura estão correlacionadas a *American Club*, *Gard*, *London P&I Club*, *NorthStandard* e *Skul*.

Além disso, foram anunciadas paralisações pontuais em instalações de petróleo e gás, em virtude dos ataques. A Arábia Saudita, anunciou a paralisação das atividades de uma de suas maiores refinarias domésticas, a Ras Tanura, com capacidade para processar até 550 mil bbl/d, como uma medida de precaução, segundo o Ministério de Energia Saudita, após incêndios provocados por drones.

Enquanto a *QatarEnergy*, uma das maiores companhias de produção de gás natural do mundo, anunciou a paralisação da sua produção de GNL e produtos associados, devido à ataques militares com drones a suas instalações operacionais nas cidades Ras Laffan e Mesaieed. A paralisação da estatal do Catar, que é o segundo maior exportador global de GNL (Ver **Figura 5**), afetou os preços praticados no mercado europeu e asiático^{xiv}, que registraram aumentos de 50% e 39%, respectivamente^{xv}.

Figura 4: Balanço do Mercado de gás em 2024



Elaboração própria com base nos dados do *Statistical Review of World Energy 2025*

Os efeitos sobre os preços foram imediatos, segundo o *World Oil*, em 04 de março, o Brent foi negociado a US\$ 81,40 e o WTI a US\$ 74,61, um aumento de 13,5% e 14,3%, respectivamente, em relação a média de preços registrando na semana do dia 20/02/2026 (EIA, 2025)^{xvi}, que alteraram a estabilidade dos preços na faixa dos US\$60-70/barril, registrando nos últimos meses.

Esse cenário reflete o temor do mercado quanto aos riscos de desabastecimento, ao mesmo tempo que evidencia uma acomodação gerada por políticas energéticas, intensificadas após o início do conflito russo-ucraniano. No entanto, notas de bancos de investimento, como o Deutsche Bank, afirmam que há indícios dos investidores

consideram o conflito temporário, o que tem contribuído para frear um aumento mais expressivo dos preços.

2.2. Desdobramentos políticos

No dia 1^a de março², a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) anunciou o incremento das quotas de produção em 206 mil bbl/d de petróleo a partir de abril de 2026, por ao menos oito países ligados à OPEP³. Caso o conflito se prolongue, é possível que a OPEP convoque reuniões extraordinárias para debater sobre novas medidas voltadas ao equilíbrio dos fundamentos de mercado.

O acirramento dos embates militares na região, configura um choque relevante para a economia global ao elevar os preços da energia, com potencial para desorganizar cadeias de suprimentos e intensificar pressões inflacionárias. Os países altamente dependentes de importações de petróleo, como Estados Unidos, Japão, Índia, China, Coreia do Sul e diversas economias europeias, são particularmente vulneráveis a esse choque. Diante da escalada de preços, governos e bancos centrais podem recorrer a políticas monetárias restritivas para conter a inflação, o que, por sua vez, tende a frear o crescimento econômico e ampliar o risco de recessão em algumas economias.

Para o Brasil, os efeitos da Guerra na economia ainda não estão muito claros. Diferente de outras crises do Petróleo, o Brasil, por ser um exportador líquido, deverá se beneficiar dos aumentos nos preços, com impactos positivos para o resultado fiscal, pelo aumento líquido das contribuições, e para atividade econômica, pelo crescimento da atividade da cadeia do petróleo e do gás. Por outro lado, esse efeito pode ser anulado caso o prolongamento do conflito provoque uma queda na atividade econômica global, pelo aumento da inflação nos países importadores e pela queda nos fluxos de comércio.

Comentários Finais

Até a publicação desse artigo, as tensões entre Irã e Estados Unidos não haviam desescalado, de modo que as percepções de mercado em torno de uma possível interrupção nos fluxos de petróleo e gás, além de riscos à integridade de instalações e infraestruturas críticas permanecem elevadas.

² A reunião estava prevista desde antes do início dos confrontos militares.

³³ Arábia Saudita, Argélia, Cazaquistão, Emirados Árabes Unidos, Iraque, Kuwait, Omã e Rússia.

AUTORES



Fernanda Senna é Consultora no Centro de Estudos de Energia da Fundação Getúlio Vargas (FGV ENERGIA). Mestre em Economia pela Fundação Getúlio Vargas e possui cursos de finanças em universidades americanas. Três anos de experiência no mercado financeiro e vinte e três anos no setor de mineração. Foi executiva da Vale SA, com experiência nas áreas de logística, estratégia e desenvolvimento de negócios. Expertise em avaliação de ativos, investimentos e gestão de projetos de grande porte. Domínio em análise macroeconômica, mercados de commodities e economia chinesa.



Marcio Lago Couto é Doutor em Estratégia pela EAESP, Mestre em Engenharia de Produção pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Economista. Superintendente de Pesquisado da FGV Energia, ex-Superintendente de Estudos Econômicos do Instituto Brasileiro de Economia da FGV, coordena trabalhos e estudos no setor de Óleo e Gás para empresas como Shell, Transpetro, Brava, IBP, entre outras. Entre 2004 e 2006 foi Diretor de Estratégia Regulatória da Embratel e entre maio de 2002 a fev 2004 foi Superintendente Executivo da Anatel. Foi também consultor do FUNBIO, para a implantação de projetos ambientais com retorno, da Projeta Consultoria Econômica, nos projetos de privatização da Vale, Embraer e outras empresa, e foi Diretor Financeiro da DIVERJ.



Luiza Gomes Guitarrari é Pesquisadora de Óleo, Gás & Biocombustíveis no Centro de Estudos de Energia da Fundação Getúlio Vargas (FGV ENERGIA). É Pós-graduanda em Gestão de Petróleo e Gás pela Fundação Getúlio Vargas. Analista de Defesa, Graduada em Defesa e Gestão Estratégica Internacional pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atualmente atua com ênfase em Inteligência de Mercado, Transição Energética e Geopolítica da Energia. Também atua como pesquisadora voluntária de Geopolítica da Energia pós-soviética no "Boletim Geocorrente", periódico quinzenal da Escola de Guerra Naval vinculada a Marinha do Brasil. Acumula 5 anos de experiência em análises de conjuntura da geopolítica de energia da região pós-soviética, com ênfase no mercado de gás das regiões do Cáucaso Sul, Estados Bálticos e Rússia.

REFERÊNCIAS

^{ix} BOLETIM GEOCORRENTE, 2025. Edição Especial: Golfo Pérsico 2025. Boletim Geocorrente. Disponível em:< https://www.marinha.mil.br/egn/sites/www.marinha.mil.br/egn/files/Boletim%20Especial%20-%20Golfo%20P%C3%A9rsico%202025_0.pdf>.

^x EIA, 2025. World Oil Transit Chokepoints. U.S. Energy Information Agency. Publicado em: 25 jun. 2025. Disponível em:< https://www.eia.gov/international/analysis/special-topics/World_Oil_Transit_Chokepoints>.

^{xi} GUITARRRARI, Luiza, MARQUES, João Vitor.FGV ENERGIA.O Longo junho do Oriente Médio: Impactos do Conflito Irã-Israel no Setor de O&G e Reflexões para o Brasil. Disponível em:< <https://fgvenergia.fgv.br/opinioes/o-longo-junho-do-oriente-medio-impactos-do-conflito-ira-israel-no-setor-de-og-e-reflexoes>>.

^{xii} BOLETIM GEOCORRENTE, 2025. Edição Especial: Golfo Pérsico 2025. Boletim Geocorrente. Disponível em:< https://www.marinha.mil.br/egn/sites/www.marinha.mil.br/egn/files/Boletim%20Especial%20-%20Golfo%20P%C3%A9rsico%202025_0.pdf>.

^{xiii} PANDEY, Ashutosh. Iran attacks on Gulf oil and gas sites trigger energy fears. DW. Publicado em: 04 mar. 2026. Disponível em:< <https://www.dw.com/en/iran-attacks-on-gulf-oil-and-gas-sites-trigger-energy-fears/a-76199281>>.

^{xiv} PANDEY, Ashutosh. Will Iran war send oil prices above \$100 a barrel? DW. Publicado em: 02 mar. 2026. Disponível em:< <https://www.dw.com/en/iran-war-opec-oil-prices-economic-impact-explained/a-76176495>>.

^{xv} Gas prices soar as QatarEnergy halts LNG production after Iran attacks. Al Jazeera. Publicado em: 02 mar. 2026. Disponível em:< <https://www.aljazeera.com/news/2026/3/2/qatarenergy-worlds-largest-lng-firm-halts-production-after-iran-attacks>>.

^{xvi} EIA, 2026. Spot Prices (Crude Oil in Dollars per Barrel). U.S. Energy Information Administration. Publicado em:25 mar. 2026. Disponível em:< https://www.eia.gov/dnav/pet/pet_pri_spt_s1_w.htm>.